

JOSÉ MANUEL SARAIVA

A TERRA TODA

Capítulo I

– Acredite que não foi fácil chegar até aqui, doutora. No caminho para cá, ainda pensei desistir da decisão a que me obriguei, voltar para trás, esquecer o conselho dos amigos e continuar na solidão em que vivi nos últimos tempos, sem remorsos. Sei do que sofro, das razões que me torturam e me consomem; só não tenho a certeza se alguma vez, com ajuda ou sem ela, conseguirei ultrapassar as minhas angústias e restaurar os meus afectos. Porque há dores impossíveis de ignorar.

»Não, não venho aqui na esperança de que me faça regressar ao homem que já fui, porque nada em mim será como dantes; nem sequer a procurei para que me aponte os caminhos da redenção, porque acho improvável. Não sou crente, e mesmo se o fosse saberia com certeza distinguir entre milagre e prudência. Entrego-me pois nas suas mãos, aos seus cuidados e conhecimentos, sem saber ao certo dos benefícios que daí possam resultar. Nada lhe cobrarei pela eventual ineficácia do tratamento que procuro. Se não resultar, o problema será meu. Mas desde já lhe peço que não me

leve a mal se um dia destes, quem sabe se na próxima sessão, se considerar que deve haver próxima sessão, ou na seguinte, ou noutra qualquer, lhe não aparecer à frente, seja por falta de coragem ou por vergonha. Sobretudo por vergonha, que é tão grande que nem sei por onde começar.

»Sabe, doutora, quando a decidi procurar, tentei imediatamente articular um discurso para lho trazer, e que na altura me pareceu coerente, com factos rigorosos e datas precisas, mas aqui, sentado à sua frente, tenho a sensação de que já lhe perdi o fio condutor. Para ser franco, sinto-me quase tão inseguro e perturbado como um aluno que se apresenta a exame com a matéria decorada e, por força de um inexplicável medo do professor, não consegue responder a uma só pergunta. Se calhar devia começar por lhe dizer quem sou, quem fui, como cresci, donde venho, quer dizer, contar-lhe tudo cronologicamente para que me fosse mais fácil chegar aonde quero. Enquanto falasse disso não falaria do essencial, isto é, do que verdadeiramente me traz aqui. Mas não, acho que essas coisas não têm qualquer interesse, pelo menos para já... Deixe-me primeiro acender um cigarro. Posso?... Obrigado, vou já direito ao assunto.

»Bom, acabei uma relação de quatro anos. Sei que isso acontece a muita gente, todos os dias e a toda a hora, mas comigo foi diferente, quer dizer, foi mais doloroso. Com certeza todos dizem o mesmo, porque todos deverão pensar que o problema deles é sempre maior do que o dos outros. Só que com o problema dos outros, para utilizar um lugar-comum, que aliás detesto, posso bem. De qualquer modo acredito, ou pelo menos quero acreditar, que há quem tenha passado por

piores provações do que eu. Conheço até casos em que uma das partes renunciou à vida. Seguramente, foram pessoas que chegaram ao limite das suas capacidades de resistência face ao insucesso de uma relação a que se haviam dado sem condições, como eu me dei. E é disso que tenho medo... Não, nunca pensei a sério na morte, nunca me ocorreu a ideia de cometer um acto desesperado, porque nem coragem teria para tanto, embora, verdade seja dita, muitas vezes me apeça desaparecer, inventar um sítio longe e partir. Se fosse crente talvez até já tivesse pedido a Deus que me levasse.

»Está a sorrir, doutora? Sim, tem razão, desculpe o disparate, mas deixe-me então prosseguir para não perder mais tempo nem me afastar do fundamental. Dizia eu que terminei uma relação amorosa de quatro anos. Poder-se-á dizer que foi uma convivência de curta duração e quando assim é, argumenta-se, as coisas acabam por se tornar menos penosas do que se tivessem durado dez, vinte ou trinta anos. Mas olhe que não sei se será exactamente assim. Ou melhor: sei. Tenho a certeza até de que as relações não podem, nem devem, ser avaliadas pelo tempo que duram, mas pela qualidade do amor e da cumplicidade que as sustentam. Há casamentos que só acabam com a morte física de um dos cônjuges e, no entanto, por uma razão ou outra, por culpa das duas partes ou de apenas uma, nunca se cumpriram. Na maior parte das situações, esses casais tiveram filhos, viveram longos anos em estados de sobressalto e amargura, mas nem assim se separaram. Ou seja: resistiram ao tumulto conjugal. Ora, eu não louvo esses heróis que mantêm um contrato utilitário, seja de direito ou de facto, só porque do ponto de vista social, familiar ou

material o consideram cómodo ou proveitoso. Eu não seria capaz de aceitar uma situação desse género, que consome vidas e destrói afectos. Mas também não aceito o contrário, ou, para ser mais rigoroso, dificilmente consigo aceitar, nem sequer compreender, o propósito de se pôr fim a uma relação sustentada, às vezes perfeita, por causa de um ou de alguns factos de consequências mínimas.

»Pergunta-me se há relações perfeitas?... Bem, perfeitas não digo, mas quase perfeitas, seguramente. A minha era assim; uma relação em que tudo parecia certo e se me afigurava definitivo. Era como se ela e eu vivéssemos para além dos nossos próprios limites; como se estivéssemos sempre a morrer, apaixonados, para renascermos outros, melhores ainda, em cada manhã de um novo dia. Nada falhava no percurso discreto das nossas vidas. A dor de um era a dor do outro; a alegria de um era a alegria do outro, sempre celebrada no entusiasmo do compromisso e da partilha. Por isso pensava eu que tudo aquilo a que nos entregávamos de corpo e alma, tão vasto, tão intenso, iria ser eterno, esquecendo-me, ou provavelmente não sabendo ainda, de que só são eternos os instantes que vivemos. Por outro lado, à excepção dos últimos meses de convivência, sobre os quais lhe falarei mais adiante, eu nunca havia dado conta de qualquer gesto de renúncia por parte dela, e também essa circunstância me levava a supor que jamais seria capaz de me esconder uma aventura ou de disfarçar uma intenção.

»Até que um dia, lembro-me de que era uma tarde de Verão, descobri que eu não era, afinal, o único homem da sua vida. E esse foi o grande choque; um choque de que ainda me

não recompus, que me abalou e destruiu. Mas por favor, doutora, não me peça para lhe descrever o que senti nessa hora, ou na seguinte, ou nas que lhe sucederam, porque seria incapaz de o fazer. Aliás, nem sequer me consigo recordar de certos pormenores ocorridos naquela altura, nem do que disse ou do que pensei quando uma amiga de ambos, talvez até mais dela do que minha, me telefonou de propósito para me revelar o segredo. Pouco ou nada retenho dessa conversa, repito. Apenas me lembro de que num primeiro momento cheguei a duvidar, injustamente, da sua confiança, porque o meu problema se tornou de repente mais de fé do que de prova. Custava-me a crer que a mulher que amava, com quem me relacionava numa harmonia estável, quase perfeita, cometesse uma traição infame. Para mim, nada justificava o seu procedimento; nada havia acontecido no quotidiano das nossas vidas que pudesse fundamentar a atitude dela, e por isso desconfiei, ao princípio, da denúncia feita por essa amiga. Só me lembro de lhe ter perguntado «Tens a certeza do que estás a dizer?», e de ela me responder «Tenho».

»Sabe, doutora, entre uma verdade dolorosa e uma suave mentira eu prefiro a verdade dolorosa. Aprendi isto em casa dos meus pais, com a minha mãe. O meu pai era um homem cuja vida parecia regulada por impulsos que lhe vinham não sei de que regiões mais fundas de si mesmo. Embora manifestasse uma permanente atitude de bonomia, era de difícil acesso. E tinha outra característica, não sei se boa se má: nunca se irritava, nunca se ia emocionalmente abaixo, nem mesmo quando perdia dinheiro ao jogo ou quando as suas aventuras amorosas, extraconjugais, lhe corriam mal. A minha

mãe sabia de tudo, mas quase sempre se calava. E aquilo doía-me. Algumas vezes, não muitas, ela ganhava coragem e confrontava-o, utilizando um tom suave, quase inaudível: «Por favor, António, diga-me a verdade.» Coisa a que o meu pai respondia, invariavelmente, num registo de voz idêntico, baixinho e muito calmo: «Que verdade quer saber de mim? O que é a verdade para si? É a que os outros lhe vêm contar?» Nessas alturas, ela emudecia, afastava-se dele e ia chorar para o quarto, em contido silêncio.

»Deixe-me no entanto dizer que os meus pais nunca tiveram conversas destas à minha frente; nem destas nem de outras que pudessem, talvez na opinião deles, perturbar a ascética educação do filho. Eu escutava-as, sim, mas atrás das portas. Um dia ouvi a minha mãe dizer ao meu pai: «António, prefiro a verdade, por mais dura que seja, à mentira piedosa. E você está farto de saber isto. Pela última vez lhe peço que me diga o que se passa consigo, quem sabe se comigo, porque eu não sei, mas diga, por favor, imploro-lhe que me diga.» A este pedido magoado ele respondeu com a sua habitual frieza glacial: «A minha vida é transparente, Ofélia, e por isso nada tenho para lhe contar.» E por aí se ficou.

»Eu nunca soube, embora tenha desconfiado, os motivos que deram origem a este diálogo, assim tão breve, tão doloroso, apenas me apercebi, como se tudo naquela hora se me revelasse claro e nítido, de que a minha mãe perdera nesse dia, e em definitivo, a sua batalha contra as mentiras do meu pai. E então prometi a mim mesmo, tinha quinze ou dezasseis anos, que a partir daquele momento também eu haveria de ser exigente como a triste Ofélia, e de me esforçar para assumir sempre, sem

receios ou evasivas, a verdade como um dos lemas da minha vida. E que nunca haveria de mentir a uma pessoa que amasse. Pode agora perguntar-me se realmente nunca menti nestes anos todos. Se quiser saber, dir-lhe-ei que sim, sem hesitações; mas também lhe direi que nunca pratiquei a mentira como forma de ofensa moral contra os outros ou de fuga às minhas responsabilidades e aos meus acidentais desvarios. Por isso me sinto hoje um homem de consciência limpa e sem remorsos.

»Bem, noto que estou outra vez a dispersar-me. Já nem sequer me lembro onde fiquei... Ah, sim, ia dizendo que quando iniciei a relação com a Sara, julgo que ainda não lhe tinha revelado o nome dela, pois não?... propus-lhe logo nas primeiras conversas que nunca e em nenhuma circunstância deixássemos de assumir e amar a verdade, como verdade eterna. E ela, recorro-me perfeitamente das suas palavras, concordou, emocionada. Aliás, foi até mais assertiva do que eu. Lembro-me do que então disse; é como se estivesse a ouvi-la neste momento: «Esse problema nem se coloca, meu querido, porque jamais conseguiria viver outra relação que não tivesse como suporte a raiz da verdade. Odeio a mentira, sabes? Odeio a falsidade. Infelizmente já fui vítima delas, num passado recente, e por isso não gostaria de repetir a dose. Quero estar contigo como nunca estive com ninguém. Inteira, total.»

»Santo Deus, como se enganou, e me enganou!

»Não se importa que fume mais um cigarro, doutora?... Obrigado! Prometo que lhe vou trazer na próxima semana uma vela grande, daquelas perfumadas que ajudam a aliviar o ambiente dos espaços fechados. Juro que não me esquecerei disso...

»Estava pois a contar-lhe que nos primeiros três anos de convivência tudo correu bem entre nós. Ao princípio, isto é, durante mais ou menos ano e meio, eu passava a maior parte do tempo em casa, a trabalhar num guião que me fora encomendado por uma produtora de cinema. Trabalhava imenso por causa dos prazos, mas nem assim negligenciava a mulher que tinha a meu lado, que amava profundamente e por quem me sentia profundamente amado. Todas as manhãs, antes de ela sair para o emprego, ia ao quarto despedir-se de mim, com um sorriso, um gesto e uma palavra. Entalava-me a ponta do lençol entre os lábios, dava-me um beijo e dizia: «Até já, meu amor.» Nunca dizia até logo, dizia sempre até já, assim como quem utiliza uma forma elíptica para dizer «não te vás embora, que eu não demoro nada». Para ela, «até logo» seria muito longe, muito tempo. E repetia à saída do quarto, com um gesto de despedida: «Até já, meu amor.» Depois gostava de me surpreender. A meio da manhã e da parte da tarde enviava-me uma ou mais mensagens de manutenção, isto é, de saudades, com arrebatadas declarações de ternura. Eu fazia o mesmo, sabe? É verdade que tudo isto se nos afigurava uma competição de adolescentes apaixonados, mas nós gostávamos de ser assim.

»Portanto, e repito o que já disse, tudo parecia certo e perfeito no amor e na partilha. Em nossa casa havia fotografias espalhadas por toda a parte, sobre os móveis e nas paredes, em que aparecíamos quase sempre juntos e abraçados como aqueles jovens casais, lindíssimos, que todos os dias vemos nos prospectos publicitários. Tínhamos igualmente à vista muitas e pequenas recordações das cidades por onde havíamos passado nas férias ou aos fins-de-semana. E também jarras cheias de

flores que a Sara comprava numa florista por baixo da nossa casa, todas as semanas. Até que um dia deixou de as comprar. E, como não percebi de imediato se aquilo era um sinal de aviso ou de cansaço, passei eu a comprar os arranjos, quase sempre rosas vermelhas e crisântemos brancos, porque eram as flores de que ela mais gostava. Porém, depressa dei conta que já não atribuía qualquer importância a esse pormenor tão singelo. Não dizia nada; não fazia comentários. Haver ou não flores em casa era-lhe indiferente.

»Ora, foi mais ou menos por essa altura, conforme constatei mais tarde, quando enfim acertei datas e juntei as peças do *puzzle*, que a Sara me começou a trair, isto é, a trair a nossa relação. E digo trair a relação, porque entendo, à semelhança de muitas pessoas, e para usar mais um lugar-comum, que nas horas e circunstâncias em que somos desleais com os outros, também o somos com nós próprios. Não está de acordo?

»Desculpe, mas já reparei que olhou duas vezes para o relógio, o que quer dizer que está na hora de acabarmos a sessão, não é?... Mas deixe-me então dizer só mais uma coisa, talvez um bocado estúpida; uma daquelas coisas que a generalidade dos homens atraídos provavelmente lhe costuma confidenciar, como insólito desabafo: a Sara traiu-me com uma das criaturas mais frívolas e mesquinhas que conheci na vida. E era homossexual, percebe? Ou melhor: não era completamente assumido, mas tendencialmente militante. Não que eu tenha nada contra os homossexuais, mas achei isso uma ironia fantástica... Se conheci a criatura? Sim, conheci-a mais tarde num encontro acidental, já muito depois da minha relação com a Sara ter acabado. Mas desse encontro

prefiro não falar, porque a verdade é que isso é irrelevante para o que aqui me trouxe. Haverá outras coisas que, embora tenham ocorrido há muitos anos, talvez possam ser mais interessantes para a doutora fazer a avaliação do meu caso, na sua totalidade. E dessas eu gostaria de lhe falar.

– Claro, Rafael, podemos vir a falar disso e de muito mais; do que quiser e se quiser. Em relação ao que entretanto me contou, percebe-se claramente que houve um tempo em que criou expectativas demasiado altas, que falharam. E quando assim acontece as situações complicam-se. E é por isso que agora se sente tão triste, tão angustiado e com a auto-estima muito em baixo. Mas se de facto estiver disposto a prosseguir o tratamento, e eu acho que precisa dele, agradeço-lhe então que passe pela recepcionista para marcar uma nova consulta para a semana. Para já não vou medicá-lo. Preciso primeiro de ter mais dados; de dados concretos que me levem a avaliar melhor o seu caso em toda a dimensão.

– Muito bem...

– Vá lá, e esforce-se um bocadinho para ganhar um pouco mais de ânimo, de tranquilidade emocional; tente relativizar os problemas que o trouxeram cá, eu sei que isso é difícil, mas veja se consegue ocupar o seu tempo da melhor maneira possível. Ocupe-o sobretudo com coisas de que goste ou valham a pena para si.

– Obrigado, doutora.

– De nada, Rafael. Até para a semana.

– Até para a semana.